

Educação Infantil  
**maternal**

**brincar, aprender  
e compartilhar**

**caderno de canções**

**boreal**

© Boreal Edições, 2025

*Edição* Daniella Barroso

*Projeto gráfico e capa* Aline Martins | Sem Serifa

*Imagem da capa* Freepik

Este caderno é parte integrante da obra “Brincar, aprender e compartilhar: maternal”.

*Créditos dos áudios*

### **Tum pá**

Furunfunfum Produções Artísticas

### **Dançando catira**

Furunfunfum Produções Artísticas

### **Caranguejo não é peixe**

Furunfunfum Produções Artísticas

### **Corre-cutia**

Furunfunfum Produções Artísticas

### **Uma dança inspirada nos elementos naturais**

Produção: Raffaele Paparella. Áudio externo: Niqui Vives. Trilha: Kevin MacLeod.

### **Ciranda, cirandinha**

Furunfunfum Produções Artísticas

### **Pirulito que bate bate**

Furunfunfum Produções Artísticas

### **Brincar na rua**

Roteiro e produção: Monomito Filmes. Participação: Alice Cristina Morais de Souza.

### **O corpo em movimento**

Roteiro e produção: Furunfunfum Produções Artísticas

### **Brincadeiras de corda**

Roteiro e produção: Furunfunfum Produções Artísticas

### **Escravos de Jó**

Roteiro e produção: Furunfunfum Produções Artísticas

### **Brincar de ler**

Roteiro e produção: Monomito Filmes. Participação: Maria Luiza Alves Ciríaco.

### **Chapeuzinho Vermelho**

Furunfunfum Produções Artísticas

### **O trabalho da atriz**

Participação: Jessica Nascimento. Roteiro e voz: Daniella Barroso.

Produção: Raffaele Paparella. Trilha: Bitbasic e BOPD.

# PROFESSOR, PROFESSORA

Este *Caderno de Canções* é um convite para você mergulhar no universo mágico da música e das brincadeiras musicais junto com seus alunos. Cada áudio foi elaborado para ser uma ponte que conecta você às crianças, criando momentos de alegria e cumplicidade.

A música é uma poderosa ferramenta de aprendizagem. Ela ajuda a desenvolver a linguagem, a memória e a coordenação motora. Além disso, cantar e se movimentar juntos fortalece os laços afetivos e ensina a importância do trabalho em equipe.

Desejamos que cada brincadeira musical seja uma oportunidade para você se conectar profundamente com seus alunos, compartilhando risos, descobertas e muita diversão. Que este caderno inspire você a criar um ambiente onde a aprendizagem acontece de forma natural e encantadora.

Vamos cantar e aprender juntos!

As autoras

# TUM PÁ



## Unidade 1, página 11

No livro do estudante, é proposta uma atividade que pede um desenho de observação das mãos. Sugerimos uma brincadeira musical com as mãos, utilizando a canção *Tum Pá*. A canção é composta dos seguintes termos:

TUM – PÁ

TUM – TUM – PÁ

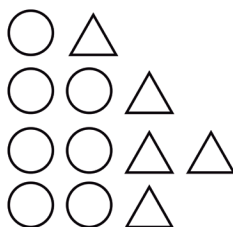
TUM – TUM – PÁ – PÁ

TUM – TUM – PÁ

Existem diversas possibilidades, como bater palma no TUM e bater o pé no PÁ. Nós temos uma sugestão que deixa a brincadeira mais desafiadora. Você leva para a sala de aula círculos e triângulos e eles são relacionados aos termos da canção. No áudio, você encontra essa associação: “Quando houver um círculo, vamos dizer TUM. Quando houver um triângulo, vamos dizer PÁ.”

Os círculos e triângulos podem ser grandes, de maneira a serem colados no chão. Os alunos ocupam os espaços e ficam responsáveis por falar o termo e bater palmas, por exemplo.

O diagrama da canção fica assim.



# DANÇANDO CATIRA



---

## **Unidade 1, página 13**

A brincadeira propõe que os alunos façam a impressão de suas pegadas. Assim, sugerimos o uso da música “Dançando catira”, que traz o som das batidas dos pés como um elemento constituinte. Trata-se de uma dança regional brasileira em que se destacam as batidas dos pés.

Sugerimos apresentar a dança para os alunos por meio de vídeos, como os sugeridos a seguir.

Dança da Catira. Família Horvat, 28 jun. 2012. Disponível em: <https://medh.net/maternal1>. Acesso em: 12 dez. 2025.

Aula 3 de setembro – Catira – especial para as crianças – Projeto de Extensão Dança CP. Vem dançar com a gente CP, 17 set. 2020. Disponível em: <https://medh.net/maternal2>. Acesso em: 12 dez. 2025.

Convidem as crianças a tentar acompanhar as batidas dos pés de acordo com a música. Elas podem ficar em círculo e elaborar uma coreografia coletiva que destaque os movimentos de pernas e pés para marcar o tempo da música.

# CARANGUEJO NÃO É PEIXE



---

## **Unidade 1, página 21**

Ainda nessa ligação entre o reconhecimento de si e a construção da identidade (a partir dos nomes), a cantiga popular “Caranguejo não é peixe” oferece uma oportunidade para outros animais e, claro, reconhecer semelhanças e diferenças.

A letra da cantiga diz assim:

Caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é.

Caranguejo só é peixe na enchente da maré.

Ora palma, palma, palma. Ora pé, pé, pé.

Ora roda, roda, roda. Caranguejo peixe é.

No áudio, tem-se algumas repetições da cantiga, de maneira a favorecer o acompanhamento com as palmas e batidas de pé.

# CORRE-CUTIA



.....

## **Unidade 1, página 21**

Assim como a cantiga “Caranguejo não é peixe”, tem-se também em “Corre-cutia” a observação dos movimentos de outros animais. Entretanto, trata-se de uma poesia cantada, o que oferece outras possibilidades, como a proposta de que as crianças criem outras rimas para a cantiga.

Essa é a letra da cantiga:

Corre cutia, na casa da tia.

Corre cipó, na casa da avó.

Lencinho na mão, caiu no chão.

Moça bonita do meu coração.



# UMA DANÇA INSPIRADA NOS ELEMENTOS NATURAIS

---

## **Unidade 1, página 23**

O áudio parte de sons de elementos naturais, como florestas e rios, para apresentar uma dança do povo indígena Coroadó, a dança do jaguar. Então, propõe-se que as crianças marquem o ritmo com o pé buscando imitar o comportamento de algum animal.

Reproduzimos aqui toda a transcrição do áudio para facilitar a localização dos comandos em seu uso em aula.

Quando eu escuto essa canção indígena, é como se eu estivesse numa floresta bem tranquila, perto de um rio. O que você sentiu ao escutá-la? A arte dos povos indígenas é muito inspirada nos elementos da natureza: a mata, os rios, os animais. Nós podemos perceber essa inspiração na música, na dança, nas artes visuais. Escute novamente o trechinho da canção: feche os olhos e deixe sua imaginação ser levada pela música.

Muitas danças indígenas trazem referências a elementos da natureza, como os animais. Algumas danças são também teatros, onde os indígenas representam o que acontece no dia a dia, na caça desses animais. Vamos conhecer uma dessas danças, do

povo indígena Coroado, chamada dança do jaguar.

A dança do jaguar é uma dança guerreira. Participam homens e mulheres. São formadas duas filas: uma fila com homens e outra, com mulheres. Todos cantam e pulam de um pé para outro. Eles dão doze pulos para frente e voltam para trás; então quem está na frente vai para trás e começa de novo o movimento de doze pulos para frente e para trás.

Interessante, não? Ao observar movimentos naturais de rios, de animais, do céu e de muitos outros elementos, nós também podemos identificar um ritmo e fazer um movimento com o corpo inspirado nele.

A movimentação dos corpos é uma característica marcante nas danças indígenas: em geral, o ritmo é marcado com o pé, que vai à frente ou ao lado. É assim que os participantes podem se mover pelo espaço. Experimente marcar o ritmo da música com seu pé como se fosse um elefante zanzando pelas savanas.

Agora você marca o ritmo com seu pé pensando em outro animal. Cada um pode escolher um animal diferente, basta imaginar como ele se moveria ao som da música.

Vocês podem agora revelar uns aos outros que animais escolheram e mostrar mais uma vez o movimento que criaram inspirado em cada animal. Além de criar outros!



# CIRANDA, CIRANDINHA

---

## **Unidade 3, página 73**

Uma das esculturas mostradas no livro do estudante corresponde à brincadeira da ciranda, assim sugerimos que a canção seja executada e que as crianças sejam desafiadas a estabelecer uma ligação entre a canção e a fotografia correspondente.

No áudio, trazemos a seguinte letra dessa cantiga popular:

Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar. Vamos dar a meia-volta, volta e meia vamos dar. O anel que tu me deste era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou. Agora, dona Maria, faça o favor de entrar na roda. Diga um verso bem bonito, diga adeus e vá-se embora.

“Brinca, canta e dá risada, a alegria é compartilhada. Na roda tudo é união, cabe sempre mais um irmão.”

Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar. Vamos dar a meia-volta, volta e meia vamos dar. O anel que tu me deste era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou.

Nessa versão, alguém vai para o centro da roda e diz algo. Em aula, pode-se experimentar a brincadeira dessa maneira, convidando cada aluno para dizer algo bonito a seu colegas em sua vez de estar no centro da roda.

Há enorme variação nessa cantiga, assim que pode ser interessante pedir às crianças que levem para a escola gravações de adultos cantando a cantiga e, em aula, pode-se comparar as versões.



# PIRULITO QUE BATE BATE

---

## **Unidade 3, página 73**

Essa também é uma cantiga popular, que conta com bastante variação regional. A versão que trazemos no áudio tem a seguinte letra:

Pirulito que bate, bate, pirulito que já bateu.

Quem gosta de mim é ela, quem gosta dela sou eu.

Depois de fruir a brincadeira, pode-se propor que as crianças façam, com massinha, uma escultura mostrando duas crianças brincando com a cantiga.

# BRINCAR NA RUA



.....

## Unidade 3, página 75

Nesse áudio, uma criança conta como brinca na rua e na praça, destacando a presença de outras crianças, mas também apontando diferenças de quando há alguma estrutura pronta, como balanço e escorregador.

Segue a transcrição do áudio:

- "Como é que eu sou acostumada a brincar?" Mais de correr! Correr, brincar de esconde-esconde, pega-pega. A gente... aí, a gente brinca mais quando a gente está sozinha, a gente brincar mais de bola, de bicicleta. Quando tem mais criança, né, que são os meus amigos, que é do lado da casa dela. A minha é um pouquinho mais pra cima e a dela, um pouquinho mais pra baixo. Aí eu vou, vou lá na casa dela, a gente brinca, a gente brinca de bicicleta. Eu acho mais legal, porque quando você vai brincar dentro de casa, você não tem tanto espaço. Lá não tem tanto espaço. Aí sua mãe está lá arrumando e você bagunça, aí vai ser pior. Pra mim, brincar na rua é melhor do que brincar dentro de casa.

- "Como é que eu faço pra brincar na praça?" Pra mim, brincar na praça... minha casa é na frente da rua, aí eu sigo um pouquinho mais pra frente e aí eu já estou lá no parquinho.

- "A diferença de brincar na praça?" Tem mais brinquedo. Na rua, você pode se sujar, mas não tem tanto risco de você cair, né, é só prestar atenção. Às vezes, a bola é no pé, a gente coloca no... na mão, tem que escapar do amigo, aí fica tipo um futebol americano, esses negócios.

Na praça, você brinca mais no brinquedo. Tem balanço, escorrega, gira-gira e muito mais! Na rua, você já inventa mais alguma coisa, você pode se molhar, fazer um monte de coisa. Por estar brincando fora de casa, você tem mais espaço, você tem mais lugares pra você brincar. Você pode ir, tipo, numa pracinha e sair com os amigos. Porque se você estiver dentro de casa, você não pode sair. E dentro de casa não tem pracinha, esses negócios. O que eu acho mais legal de brincar fora de casa: 1. Eu posso brincar com meus amigos. 2. É porque eu tenho mais liberdade de brincar. 3. As brincadeiras que eu posso inventar. 4. Eu tenho mais espaço. Tchau. E esse foi o "Brincar na rua".

Entendemos ser fundamental ampliar o repertório de brincadeiras das crianças, incluindo a vasta quantidade de brincadeiras que dependem de poucos objetos ou até mesmo de nenhum, como os destacados no livro do estudante. Assim, o áudio tem a função de deflagrar uma conversa com a turma sobre as brincadeiras que eles eventualmente realizam quando estão fora de casa, em especial em locais a céu aberto, como praças e parques.

# O CORPO EM MOVIMENTO



---

## Unidade 3, página 83

O áudio traz um conjunto de músicas e cantigas, como um pot-pourri, selecionado com o intuito de incentivar brincadeiras que não necessitam de brinquedos ou objetos.

Transcrevemos a seguir as cantigas que contam com letra:

Foi tupã/Foi tupã, foi tupã/Sou tabajara/ Sou tabajara de terra de  
tupã/Tem papagaio, arena maracanã/Todas aves do cúe/Quem  
nos deu foi tupã/Foi tupã, foi tupã, foi tupã

A-do-le-tá/Lê peti, peti colá/Puxa o rabo do tatu/Quem saiu foi  
tu/Puxa o rabo da panela/Quem saiu foi ela/Puxa o rabo da co-  
tia/Quem saiu foi minha tia/Puxa o rabo do pneu/Quem saiu fui  
eu/Macaquinho, macacão/Vou bater na sua mão/Má, mé, mi,  
mó, mu/Mão

Há uma referência de brincadeira indígena, o que oferece oportunidade de abordar outras brincadeiras de povos indígenas que circulam também em sociedades não indígenas. Sugerimos uma reportagem que traz algumas delas.

7 brincadeiras indígenas para conhecer e curtir com as crianças. Lunetas, 19 abr. 2024. Disponível em: <https://medh.net/chab20>. Acesso em: 12 dez. 2025.



# BRINCADEIRAS DE CORDA

---

## **Unidade 3, página 93**

Aproveitando a menção à brincadeira de corda, oferecemos esse áudio com variados ritmos para brincar com a corda e também cantigas populares que marcam esse ritmo.

Segue a transcrição das cantigas contidas no áudio:

Um homem bateu em minha porta/E eu abri/Senhoras e senhores/Põe a mão no chão/Senhoras e senhores/Pule num pé só/Senhoras e senhores/Dê uma rodadinha/E vá pro olho da rua  
E, agora, um pouco mais rápido.

Pato, patinho/Marreco, marrequinho/Vamos pular o ano inteiro/Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro

E, agora, ainda mais rápido.

Papagaio louro, bico dourado/Manda essa cartinha pro meu namorado/Se estiver aberta, deixe recado/Se estiver fechada, bata na porta/A, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z

É fundamental poder fruir a corda para que a marcação do ritmo na música e também nas cantigas façam sentido.

# ESCRAVOS DE JÓ



## Unidade 3, página 95

Essa cantiga popular é um tesouro para a marcação de ritmo com as crianças. Ela também oferece a possibilidade de se abordar ritmos brasileiros de origem africana. A ocorrência do termo “escravos” causa incômodo em muitos educadores, por se tratar da naturalização da condição das populações escravizadas. Uma proposta já relativamente conhecida é substituir o verso “Escravos de jó” (jó significa ambiente doméstico, então se estava referindo a escravizados que trabalhavam dentro das casas) por “Guerreiros nagô”.

Sugerimos conversar com as crianças a respeito do que elas conhecem e, caso conheçam a canção com o termo “escravos”, seja proposta a troca; se não conhecem a canção, pode ser pertinente já apresentar na versão nova.

Na conversa, é fundamental destacar que as pessoas trazidas à força do continente africano foram, sim escravizadas, mas que não podem ser reduzidas a isso, posto que tinham inúmeros talentos e merecem serem lembradas por sua resistência, o que se consegue com o verso “Guerreiros nagô”.

A letra original:

Escravos de Jó/Jogavam caxangá/ Tira, põe/Deixa ficar/  
Guerreiros com guerreiros/Fazem zigue-zigue-zá

A letra modificada:

Guerreiros nagô/Jogavam caxangá/ Tira, põe/Deixa ficar/  
Guerreiros com guerreiros/Fazem zigue-zigue-zá

A cantiga está associada a uma brincadeira em que as crianças seguram uma pedra, em roda, e vão fazendo-a circular ao ritmo da canção; pode ser que seja um desafio muito grande para as crianças acompanhar o ritmo e transferir o objeto, assim é fundamental deixar que elas fruam a canção e encontrem formas de se movimentar.

# BRINCAR DE LER



.....

## Unidade 4, página 105

Ler é uma prática social muito divertida! Assim, a leitura deveria ser apresentada às crianças, como uma prática, não como um hábito, que é um termo que remete a algo que devemos fazer, como escovar os dentes.

Para facilitar essa conversa, trazemos em um áudio a fala de uma criança que ama ler. Ela fala do que gosta e recita trecho de seu livro preferido.

Segue a transcrição do áudio:

Meu nome é Maria Luiza, eu tenho 8 anos, estou no terceiro ano e comecei a ler com 5 anos. Quando eu estou em casa, eu gosto de montar lego, gosto de ler um livro, gosto de desenhar. Às vezes, eu faço outros desenhos, às vezes, eu copio de alguns lugares. Eu comecei a ler livros quando eu estava indo para os Saraus, onde tem muita gente, onde a gente fala poesia e canta música. Eu também falava bastante poesia lá na época. Bom, esse é um livro que eu gosto muito, tem umas poesias que eu decorei, e uma delas foi "Almoço". Ela é mais ou menos assim: "Minha vó me tortura com esse papo de verdura/Vovó, não quero jiló/Vixi, eu não como maxixe/E, vagem, só em viagem/Mas, por favor, não me chame para comer este inhame/Não gosto de berinjela, nem consigo olhar pra ela/E repolho, nem com molho/E também não quero couve, será que você não me ouve?/Couve-flor? Não, por favor!/E pimentão, também não/Nem brócolis, nem agrião/Beter-

raba, rabanete/Vovó, não tem solução/Prefiro muito um sorvete ou um pratão de macarrão". Bom, o nome desse livro é Trinca-Trova, e quem escreveu foi a Ciça. Nessa imagem aqui, tem a vó dela, que está mostrando várias comidas para ela, mas ela não gosta de nenhuma. Não gosto de muita coisa também. Bom, ela parece comigo, no sentido de eu não gostar de muita coisa, igual ela. Eu acho livro muito legal, porque é um passatempo pra mim. Eu leio bastante desde os cinco anos, gosto bastante e acho que é realmente uma brincadeira. Eu e minhas primas, a gente brinca de pega-pega, esconde-esconde e de algumas brincadeiras e a gente também brinca de ler. Aí, quando a gente está lendo, como elas não sabem ler muito bem, igual eu, eu leio o livro, eu dou pra elas, aí elas leem e eu ajudo nas palavras que elas não sabem direito. Eu falo pra elas o poema, depois eu ajudo elas a decorar o poema, pra depois elas mostrarem pra quem elas quiserem e até recitar em um sarau on-line... Na hora de eu ir dormir, de noite, eu pegava um livro, eu ia na cama com meu pai e minha mãe, eu falava um pedacinho do livro, do começo dele, e meu pai e minha mãe, eles continuavam inventando com outras histórias. Quando a gente contava alguma história de terror, a gente apagava a luz, encostava a porta e só deixava uma lâmpada acesa. Eu ficava com muito medo, com algumas histórias. Bom, eu acho livro muito legal, porque a gente lê, a gente inventa poesia, em vez da gente ficar só na TV ou no celular lá dentro, a gente pode fazer também com a nossa família, a gente se imagina dentro do livro. Eu indicaria para as crianças para eles lerem um livro curto, ou maior, que tenha bastante poesias pra elas decorarem também. "Largar o brinquedo convencional e ir para um livro, que livro seria?", é a pergunta proposta. Esse livro que eu estou. Esse li-

vro é um livro sobre um cachorro que ele gostava de dançar ballet, mas o dono dele não deixava ele dançar ballet, aí um dia, em um palco, com várias bailarinas dançando, uma das bailarinas caiu e ele dançou no lugar dela. As pessoas aplaudiram e jogaram flores. Eu acho que ele ficou famoso. A partir dos livros, eu vi que tinha que ter umas rimas e eu acabei criando um poema meu. Eu vou falar um pouquinho dele. "Acordo e tomo meu café delicioso/Depois é a vez do banho gostoso/Às vezes, brinco, e, às vezes, assisto TV/A hora passa e a gente nem vê".

Caso a escola conte com uma biblioteca, seria interessante levar as crianças e propor que encontrem um livro de que gostem. Em uma roda de conversa, cada criança pode contar a história do livro e por que gosta dele. Caso não seja possível ler o texto verbal de todas as histórias, pode-se propor uma votação e o livro mais votado é lido.

FREEPIK



# CHAPEUZINHO VERMELHO



---

## **Unidade 4, página 113**

Após a conversa a partir das perguntas propostas no livro do estudante, sugerimos executar o áudio, que narra a história da Chapeuzinho Vermelho.

A seguir, reproduzimos a transcrição do áudio, de maneira que você conheça a versão da história que é contada:

*Narradora:* Era uma vez... uma menina muito doce e gentil. Ela usava sempre um capuz vermelho... por isso, todos a chamavam de Chapeuzinho Vermelho!

*Mãe:* – Filha, leve esta cesta de doces para a vovó, que está do-dói. Mas cuidado! Vá pelo caminho seguro... e não converse com estranhos.

*Chapeuzinho:* – Pode deixar, mamãe! Eu sei direitinho o caminho.

*Narradora:* Chapeuzinho caminhava feliz... Mas, no meio do caminho...

*Lobo:* – Olá, garotinha! Onde você vai com essa cestinha?

*Chapeuzinho:* – Vou visitar minha vovó e levar doces pra ela.

*Narradora:* O lobo, que era muito esperto... teve uma ideia malvada.

*Lobo:* – Que tal colher umas flores para a vovó? Ela vai adorar!

*Chapeuzinho:* – Boa ideia!

*Narradora:* Enquanto Chapeuzinho se distraía... o lobo correu pelo caminho mais curto! O lobo chegou antes e bateu à porta.

*Vovó:* – Quem é?

*Lobo:* – Sou eu, Chapeuzinho Vermelho!

*Narradora:* O lobo deu um pulo... e engoliu a vovó de uma vez só! Depois vestiu suas roupas... e se deitou na cama.

*Chapeuzinho:* – Oi, vovó! Posso entrar?

*Lobo:* – Entre, minha netinha...

*Narradora:* Chapeuzinho se aproximou... e estranhou.

*Chapeuzinho:* – Vovó... que olhos grandes você tem!

*Lobo:* – É para te ver melhor!

*Chapeuzinho:* – Vovó... que orelhas grandes você tem!

*Lobo:* – É para te ouvir melhor!

*Chapeuzinho:* – Vovó... que boca enorme você tem!

*Lobo:* – É para te comer!

*Narradora:* Naquele momento... o caçador, que passava por ali, ouviu o barulho e entrou correndo!

*Caçador:* – Solte essa menina, seu lobo mau!

*Narradora:* O caçador salvou Chapeuzinho e tirou a vovó da barriga do lobo. Todos ficaram bem outra vez. Chapeuzinho aprendeu a lição: nunca mais falar com estranhos na floresta. E todos viveram felizes para sempre! Fim!

# O TRABALHO DA ATRIZ



---

## Unidade 4, página 125

A atriz Jéssica Nascimento conta um pouco de sua história e propõe, ao final, uma divertida brincadeira teatral que pode ajudar as crianças na criação do teatro de fantoches.

A seguir,

*Narradora:* Oi! Você sabe o que faz um artista? Que artistas você conhece? Nas aulas de Arte na escola, você experimenta expressar o que você sente e pensa, não é? Há pessoas que fazem isso o tempo todo em seu dia a dia: elas criam obras de arte. Vamos conhecer uma dessas pessoas?

*Entrevistada:* “É uma alegria conversar com vocês. Meu nome é Jessica Nascimento, eu sou uma mulher negra, é assim que me vejo, sou filha de migrantes: mãe mineira e pai pernambucano. Nasci e vivo em São Paulo, um entre todos os estados brasileiros, agrupamento político e geográfico localizado na América do Sul. A arte me encantou desde muito cedo: minha mãe trabalha como artesã, cria, pinta e comercializa bonecos de gesso no fundo do nosso quintal; meu pai quando chega em casa, depois do trabalho na indústria metalúrgica, onde presta serviço há mais de 30 anos, troca de roupa e bate novamente o martelo nos restos de metal que encontra na rua, ele confecciona gambiarras que são verdadeiras obras de arte; minha irmã mais velha, dis-

putadíssima, canta em todos os casamentos de família e os meus primos fazem o acompanhamento no violão. Por desejo e busca comunitária, eu me iniciei em centros de educação, cultura e religião Iorubá: a arte é um conhecimento sensível que vamos nos dando durante o trabalho e os dias; eu me envolvo com dança, literatura, artes visuais e música. Eu sou uma atriz e a minha cadência é o teatro.”

*Narradora:* Quando você era criança, já tinha talento para o teatro? Quando você soube que seria atriz?

*Entrevistada:* “Bom, a minha família é numerosa, a gente chegou em São Paulo nos anos de 1970 e a parte mineira foi morar em Itaquaquecetuba, meu tio Gena, Genô, ele foi um dos primeiros a chegar e foi responsável pela construção da primeira igreja católica ali da região e a gente participava ativamente da liturgia, dos cantos, das festas comunitárias e foi ali que eu comecei a fazer teatro. Eu fiz muito teatro na rua, nas escolas, nos galpões de teatro do Alto Tietê, e depois eu busquei uma formação acadêmica, através do Educafro, que é uma instituição que promove a inclusão da população negra nas universidades públicas e particulares. Eu fiz um curso de graduação em comunicação das artes do corpo e também fiz o curso da Escola de Arte Dramática, da Universidade de São Paulo. Nesses espaços de formação, pessoas como eu, negras e pobres, eram poucos, então a gente tinha que lutar para que as nossas histórias também fossem representadas pelo teatro.”

*Narradora:* Crianças costumam gostar de contar histórias imaginadas. Você tem alguma proposta ou desafio para elas se experimentarem como atrizes?

*Entrevistada:* “Ah, então, vou propor uma coisa que eu gostava muito de brincar quando pequena, quando criança. Eu vou propor que as crianças, elas possam dar uma fuçada no guarda-roupa, pegar um lençol, uma roupa, uma coisa diferente, um chapéu e vestir ele do jeito que vocês quiserem: a calça pode virar blusa, a camiseta pode virar calça, um lençol pode virar capa pra virar um super-herói. Brinquem com os tecidos da maneira que vocês quiserem, da maneira mais solta possível. Depois que vocês criarem as suas fantasias, se olhe no espelho e veja quem aparece no espelho: se é um ser todo poderoso, se é uma pessoa sensível e dá um nome para esse ser que aparece no espelho, com todo esse paramento, essa paramentação que vocês criaram! Era uma coisa que eu fazia muito quando criança: mergulhar no guarda-roupa da minha mãe, da mamãe, e depois me olhar no espelho e ver quem aparece lá. É o maior barato!”

Além da brincadeira divertida, o relato da Jéssica Nascimento aponta diversas situações significativas para uma conversa com as crianças: a escassez de equipamentos teatrais em bairros pobres, as dificuldades vividas pela população negra para chegar à universidade, a falta de histórias no teatro e no audiovisual que remetam à cultura e a história negra, entre outras. É fundamental deixar que as crianças reconheçam no relato situações que conhecem, pois, a partir delas, pode-se conduzir a conversa.

FREPIK



A series of 20 horizontal dotted lines for writing.